

## Disciplinas oferecidas em 2024/1

**Código: LIT870 - Turma: A - Nível: M/D - 60 horas - 4 Créditos**

**Disciplina: Literatura Comparada e Tradição Cultural (SENSO HISTÓRICO E HISTORIOGRAFIA FRANCESA OITOCENTISTA: QUANDO A HISTÓRIA AINDA PODIA SE CHAMAR RESSURREIÇÃO)**

**Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada**

**Professor(es): MARIA JULIANA GAMBOGI TEIXEIRA**

### **Ementa:**

“Eu amo a História, loucamente. Os mortos me agradam mais do que os vivos. De onde vem essa sedução do passado? (...) De resto, esse amor é algo muito novo na humanidade. O senso histórico data de ontem. E talvez seja o que o XIX tem de melhor” escreve Flaubert para os irmãos Goncourt, em carta de 03 de julho de 1860. E tanto amor não seria uma excentricidade do autor de Madame Bovary. Na realidade, ele se espria pela obra romanesca e poética dos mais distintos autores dos Oitocentos, fazendo da História ingrediente quase obrigatório em sua composição e, por óbvio, de sua fruição.

Flaubert também não está errado ao supor que esse tal “senso histórico” é criação oitocentista. O “historicismo atmosférico” – para retomar uma expressão de Auerbach – indo de par com o realismo responde, como já foi fartamente estabelecido, pela “forma” do romance de feição oitocentista. Mas e a História? Que História é essa que Flaubert, mas também Stendhal, Balzac, Hugo, Dumas, Zola -para citar apenas alguns dos “monumentos” literários do país – amavam tanto a ponto de se verem impelidos a falar em seu nome, mesmo quando a articulavam a partir da ficção? Responder a essa pergunta abre potencialmente uma série de caminhos, não necessariamente convergentes.

Neste curso, proponho o da exploração mais sistemática do horizonte historiográfico que todos esses romancistas célebres teriam necessariamente em comum ao evocarem a História: falo da dita primeira geração de historiadores modernos da França que surge na primeira metade do século e que investe nesse campo de conhecimento ainda não disciplinado. Essa indisciplina, inicialmente associada à inexistência de uma formação prévia, método ou doutrina constituídos para o exercício historiográfico, confere a essa geração uma liberdade inventiva em suas “Histórias” que a etiqueta “romântica” a eles imputada, como destaca Marcel Gauchet, só fez “enterrar”. Esse enterro se materializa na relativa desimportância desses nomes no debate teórico, histórico ou literário modernos e contemporâneos, pouco habituado a revisitar esse passado sem esconjurá-lo com o mantra da inatualidade e/ou da obsolescência.

O objetivo primeiro deste curso será então o de desenterrá-los ou, como três dentre eles talvez pudessem escrever, ressuscitá-los na diversidade de seus projetos de História. Francois Guizot, Augustin Thierry e Jules Michelet não recuaram diante do peso da palavra “ressurreição” em seus projetos de sentido e de escrita da História e, embora geracionalmente próximos, declinaram o termo comum de forma resolutamente distinta, na mesma medida em que se distinguem quanto ao sentido que atribuem à História e, por extensão, ao modo como a escrevem, como representam o passado. Tendo isso em vista, é o conceito mesmo de representação realista à moda dos Oitocentos que ressurge como um problema que talvez não admitisse a pacificação que lhe é atribuída.

### **Programa:**

Unidades previstas

- 1) Do Historie ao Geschichte e o problema da História moderna: introdução ao debate teórico.
- 2) Guizot, Thierry, Michelet: textos programáticos, bases teóricas e recepção geral.
- 3) Ressurreição como tarefa historiográfica: realidade e representação do passado em disputa e tensão

### **Bibliografia:**

- AUERBACH, Erich. *Mimêsis – La représentation de la réalité dans la littérature occidentale*. Paris, Gallimard, 1946.
- LIMA, Luís Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- GAUCHET, Marcel (org). *Philosophie des sciences historiques – Le moment romantique*. Paris, Seuil, 2002.
- GUIZOT, François. *Histoire de la civilisation en France, t. I*, Paris, Didier, Libraire-Éditeur, 1840, p. 315
- HAMEL, Jean-François. *Revenances de l’Histoire – répétition, narrativité, modernité*. Paris, Editions de Minuit, 2006
- HARTOG, François. *Régimes d’historicité – présentisme et expériences du temps*. Paris, Seuil, 2012.
- JABLONKA, Ivan. *L’Histoire est une littérature contemporaine- Manifeste pour les sciences Sociales*. Paris, Seuil, 2014.
- KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora PUC Rio, 2011, tradução do original alemão Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin.
- LEFORT, Claude. *Permanence du théologico-politique? In: Essais sur le politique – XIXe , XXe*. Paris, Seuil, 1986.
- LEFORT, MICHELET. *La cité des vivants et des morts*. Paris, Belin, 2002.
- MICHELET, Jules. *Le peuple*. Paris, Flammarion, 1974.
- . *Histoire du XIXe siècle*. Paris, Flammarion, 1988.
- . *Journal t. 1 (1828-1848)*, Paris, Gallimard, 1959.
- MILL, Stuart John. *Essays on French History and Historians*.  
[https://oll-resources.s3.us-east-2.amazonaws.com/oll3/store/titles/235/Mill\\_0223-20.html](https://oll-resources.s3.us-east-2.amazonaws.com/oll3/store/titles/235/Mill_0223-20.html)
- ROSANVALLON, Pierre. *Le moment Guizot*. Paris, Gallimard, 1985.
- THIERRY, Augustin. *Lettres sur l’histoire de France*. Paris, Classiques Garnier (Bibliothèque du XIXe siècle), 2012.
- *Récits des temps mérovingiens précédés de Considérations sur l’histoire de France, t. 1*, Paris, Just Tessier, Libraire-éditeur, 1842.

### **Pré-requisitos:**

ótimo domínio do francês instrumental

### **Outras exigências:**

não há